

Flávio Ferraz

Corpo, sonho, palavra

Ensaio psicanalítico II



CORPO, SONHO, PALAVRA

Ensaaios psicanalíticos II

Flávio Ferraz

Corpo, sonho, palavra: ensaios psicanalíticos II

© 2024 Flávio Ferraz

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Bárbara Waida

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferraz, Flávio

Corpo, sonho, palavra: ensaios psicanalíticos
II / Flávio Ferraz. – São Paulo: Blucher, 2024.

144 p. (Série Psicanálise Contemporânea /
coord. de Flávio Ferraz)

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2001-5

1. Psicanálise. I. Título. II, Ferraz, Flávio.
III. Série.

24-0433

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	9
1. Das neuroses atuais à psicossomática	17
2. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise	35
3. O primado do masculino em xeque	55
4. Por uma metapsicologia dos restos diurnos	73
5. As entrevistas iniciais, o problema do diagnóstico e a escolha da técnica	89
6. Estado de exceção e desamparo	107
7. Vida e morte da palavra	117

Apresentação

Este livro reúne ensaios publicados na forma de artigos em periódicos e capítulos de coletâneas, todos apresentados originalmente em reuniões científicas.¹ Selecionei-os após alguns anos de decantação, usando como critério sua sobrevivência como referência em trabalhos de outros autores ou sua adoção como leitura em cursos e seminários psicanalíticos. Além disso, trata-se de textos que continuo a subscrever sem assombro, e que, ademais, contêm ideias que, a meu ver, confirmaram-se válidas e mantiveram sua atualidade decorridos anos de sua publicação, resistindo às expressivas mudanças a que temos assistido no contexto cultural e sociopolítico, que trazem no bojo desafios e exigências para a teoria e a clínica psicanalíticas.

O Capítulo 1, “Das neuroses atuais à psicossomática”, publicado originalmente em 1996, busca resgatar a teoria freudiana

1 Alguns destes textos já foram anteriormente reunidos no livro *Ensaaios psicanalíticos* (Casa do Psicólogo, 2011); o presente livro reedita essa coletânea, mas em versão mais enxuta, trazendo apenas quatro dos trabalhos que integraram a edição original e acrescentando outros três, publicados posteriormente, que entram agora como Capítulos 5, 6 e 7.

das neuroses atuais, de 1894, que, com espantosa precocidade – conquanto ainda incipiente em certas considerações –, já destacava essa forma tão peculiar de neurose, distinguindo-a da então chamada psiconeurose. Esse resgate teve por objetivo articular tal achado de Freud ao que a Escola Psicossomática de Paris, capitaneada por Pierre Marty, trouxe de revolucionário para a psicanálise a partir dos anos 1950, a saber, uma teoria e uma clínica das somatizações, encaradas como decorrentes de um funcionamento mental empobrecido – dito *operatório* – bastante diferente daquele das neuroses. No momento em que esse capítulo veio à luz, lido num simpósio,² essa abordagem praticamente inexistia no Brasil. Desse modo, um texto até certo ponto didático e singelo ganhou alguma projeção em razão de seu aspecto inaugural em nosso meio psicanalítico, tornando-se referência para outros trabalhos desse campo no Brasil.³

O Capítulo 2, “A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise”,⁴ publicado em 2007, de certo modo dá continuidade ao anterior. Já trazendo uma elaboração teórica pessoal mais acurada, formula uma hipótese para explicar a razão pela qual a abordagem do corpo somático pela psicanálise custou a tomar uma forma mais consistente. *Grosso modo*, defende que a primazia do corpo erógeno, engendrada pela teoria das neuroses – mais especificamente da

2 I Simpósio de Psicossomática Psicanalítica, em 24 de novembro de 1995, promovido pelo Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Esse curso foi fundado e inicialmente coordenado por Wilson de Campos Vieira, a quem sou grato por ter me convidado, ainda jovem e recém-saído da formação psicanalítica, para integrar o corpo docente inicial, no ano de 1993.

3 Agradeço a Decio Gurfinkel, Maria Helena Fernandes e Rubens M. Volich pelas reiteradas referências a esse texto.

4 Apresentado originalmente no IV Simpósio de Psicossomática Psicanalítica, promovido pelo Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 26 de outubro de 2007.

histeria –, relegou o corpo somático à condição de resto, tanto na ontogênese quanto na teoria. Tanto é que as neuroses atuais quase desaparecem do texto freudiano depois de sua entrada em cena em 1894. Surgem esparsamente aqui e ali, mas não são retomadas como tema de interesse para uma teorização eminentemente analítica. Só o serão com o advento da psicossomática francesa nos anos 1950 e, ainda assim, enfrentando a resistência de boa parte da comunidade psicanalítica. Hoje em dia, entretanto, a psicossomática integra harmoniosamente o espectro da transmissão da psicanálise nas mais variadas instituições de formação. Inspira uma plêiade de autores, fundamenta pesquisas teórico-clínicas e se faz presente como referência em uma enormidade de publicações.

No Capítulo 3, “O primado do masculino em xequê”,⁵ publicado em 2008, elenco uma série de pontos, em toda a extensão da obra de Freud, em que são feitas referências curiosas, se não desairosas, ao feminino. Cada um deles é discutido sob a hipótese da incidência de determinantes culturais e ideológicos que, no plano da teorização psicanalítica, levaram à construção de um argumento pautado pela lógica fálica, definindo o masculino pela presença ou positividade e o feminino pela ausência ou negatividade. As formulações lacanianas, em muitos pontos, lograram êxito em retirar a teoria psicanalítica da dependência de materialidades datadas e localizadas, afirmando leis gerais universalmente válidas. Mas, curiosamente, reafirmaram, ainda com mais vigor, o dualismo fálico baseado no princípio do “zero/um”, negando enfaticamente o significativo à mulher. Lacan chegou a escrever que “a mulher não

5 Apresentado originalmente na II Jornada Temática: Interloquções sobre o Feminino na Clínica, na Teoria, na Cultura, promovida pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 25 de maio de 2007. Agradeço a Daniela Danesi Magalhães, Maria Elisa Pessoa Labaki e Soraia Bento pela inclusão desse trabalho entre os textos recomendados em suas atividades didáticas no Instituto Sedes Sapientiae.

existe”, secundado pela grande maioria dos discípulos que até hoje militam em suas hostes, entre os quais se contam, espantosamente, mulheres francamente feministas. Claro que se compreende que ele não se referia à mulher concreta, de carne e osso, mas ao significativo, como seus adeptos não cessam de explicar aos incautos. Pois bem, esse capítulo problematiza exatamente tal ponto de vista tão reiterado, rejeitando que o feminino seja marcado essencialmente pela falta. Recorrendo a Robert J. Stoller – autor que, a meu ver, revolucionou a teoria psicanalítica da sexualização, mas foi injustiçado pela história –, retomo a evidência das marcas significantes, em sua positividade, no rol das representações psíquicas desde a tenra infância. Para Stoller, a representação do seio ocupa o lugar que, na psicanálise neoestruturalista, reservou-se unicamente ao falo. Uma articulação entre a tese stolleriana e a teoria da sexualização de Laplanche⁶ – baseada na hipótese da situação antropológica fundamental e na emissão de significantes enigmáticos pelo adulto – coloca a psicanálise no nível de um discurso epistemológico mais rigoroso, apto a fazer frente aos desafios que a contemporaneidade lhe reserva, como o confronto da teoria psicanalítica clássica e da neoestruturalista por concepções de gênero que desvelam alguns seus aspectos evitados de preconceito, ainda que se pretendam científicos.

No Capítulo 4, “Por uma metapsicologia dos restos diurnos”,⁷ desenvolvo, inspirado numa proposição de Christophe Dejours, a tese de que o sonho, para além de fenômeno em que se dá a

6 Proposta formulada por Paulo de Carvalho Ribeiro no artigo “Identificação passiva e Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche” (*Percurso*, ano XXII, n. 44, pp. 79-90, 2010) e minuciosamente desenvolvida por Felipe Latanzio no livro *O lugar do gênero na psicanálise: metapsicologia, identidade, novas formas de subjetivação* (Blucher, 2021).

7 Apresentado originalmente no ciclo de debates *Psicanálise em trabalho*, promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 14 de abril de 2011. Agradeço a Mario Pablo Fuks (*in memoriam*)

emergência do recalcado, tem também, ele mesmo, a função de produzir o próprio recalçamento. Impressões vividas durante a vigília, que se abrigam no aparato psíquico em estado de latência, consomem seu processo de representação no sonho e por meio dele. Assim, proponho que se nomeie o primeiro trajeto como via *aferente* do sonho, enquanto o segundo seria sua via *deferente*. Os perceptos que se prestam ao papel de restos diurnos merecem, a meu ver, um aprofundamento em sua teorização metapsicológica, uma vez que não são tomados aleatoriamente pelo trabalho onírico. Baseado na filosofia das formas simbólicas de Susanne Langer, proponho que os restos diurnos são “escolhidos” em razão de sua forma, que comporta intrinsecamente características estéticas que se associam de maneira lógica à representação inconsciente que pede lugar na cena onírica. Esse modo de encarar a natureza do trabalho onírico alarga o horizonte da psicopatologia, uma vez que joga luz na relação entre a dificuldade onírica e a predominância do *acting out* nas patologias não neuróticas, visto que, nesses casos, é a latência que não é tolerada. Por conseguinte, cria-se um obstáculo à produção de representações e ao consequente enriquecimento do acervo simbólico dos sujeitos.

O Capítulo 5, “As entrevistas iniciais, o problema do diagnóstico e a escolha da técnica”,⁸ publicado em 2012, retoma um tema polêmico em nosso campo, que é a relação, possível ou não, entre o diagnóstico psíquico e a avaliação que invariavelmente se faz nas entrevistas preliminares em psicanálise. A influência da Escola Psicossomática de Paris não deixa de estar presente no raciocínio que ali desenvolvo, uma vez que justapponho aos critérios mais clássicos

e Nayra Cesaro Penha Ganhito pela inclusão desse trabalho entre os textos comentados em suas atividades didáticas no Instituto Sedes Sapientiae.

8 Apresentado, depois da publicação original, no V Simpósio de Psicossomática Psicanalítica, promovido pelo Curso de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 8 de junho de 2013.

de avaliação aqueles por ela aportados. A densidade na esfera das representações e sua indisfarçável incidência na modalidade do discurso é um ponto fundamental para a escuta analítica, particularmente nas entrevistas iniciais, que tanto se prestam a sondar como a construir a demanda. O discurso e seu potencial revelador do estado do contato de um sujeito com seu mundo interno são discutidos à luz da feliz figura conceitual da *singularidade idiopática*, cunhada por Maurice Dayan. A presença da expressão “escolha da técnica” no título deixa subentendido que adoto a contribuição inestimável de Ferenczi para a defesa da elasticidade desta, mormente diante de realidades clínicas como a psicose, a perversão, os quadros *borderline* e o funcionamento operatório na normopatía e nas psicossomatoses.

No Capítulo 6, “Estado de exceção e desamparo”,⁹ publicado no ano de 2014, traço um panorama da significação, para os sujeitos, da suspensão das garantias individuais perpetradas no estado de exceção, de acordo com sua caracterização por Giorgio Agamben. Assimilo-as, para o contexto psicanalítico, à condição de desamparo (*Hilflosigkeit*), postulada por Freud e bastante desenvolvida na teoria psicanalítica contemporânea. Acabo por defender que a profilaxia contra a retraumatização dos sujeitos atingidos pelo horror das ditaduras, principalmente os que foram privados da liberdade e, *a fortiori*, submetidos à barbárie da tortura, só se pode dar por meio do reconhecimento oficial com vista à reparação do terror. Curiosamente, esse texto foi escrito antes da eleição do governo que trabalhou pela anulação das conquistas democráticas e teve o desplante de fazer o elogio do estado de exceção e até mesmo da

9 Apresentado originalmente no simpósio Ditadura Civil-Militar no Brasil: o que a Psicanálise Tem a Dizer, promovido pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, no dia 12 de setembro de 2014. Agradeço a Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes pela parceria na organização desse evento.

tortura, gesto que só faz renovar a face do terror para os sujeitos violentados. Isso me leva a reiterar os pontos de vista que expressei, particularmente no que se refere à necessidade de uma reparação assumida como política governamental como condição *sine qua non* de uma terapêutica minimamente efetiva para as vítimas da violência de Estado. Mais razão me dá a história quando postulei que, sem uma mudança radical na formação dos oficiais militares, manter-se-ia vivo o risco do golpismo e da presunção de tutores da sociedade por parte das Forças Armadas.

No Capítulo 7, “Vida e morte da palavra”,¹⁰ publicado no ano de 2015, inspirado pelo fértil pensamento de Joyce McDougall, parto de uma teorização a respeito do processo de *afetação* da palavra, que se dá, na ontogênese, como sucedâneo da paraexcitação proporcionada pelos cuidados maternos. Desse modo, é a própria palavra que assume essa função protetora da integridade do aparato psíquico. A seguir, examino situações, no espectro da psicopatologia, em que a afetação da palavra enfrenta obstáculos em seu desenvolvimento ou então sofre ataques desfigurantes, como no caso dos traumatismos graves. Por fim, procuro situar o método psicanalítico como portador de dispositivos que permitem fazer frente a essas situações clínicas, por ser ele, justamente, aquele que, no espectro das terapêuticas, valoriza a palavra enquanto antídoto à recusa, por excelência mecanismo etiológico do silenciamento patológico.

Creio que este conjunto de textos que ora apresento constitui uma amostra fidedigna daquilo que desenvolvi como crenças e

10 Agradeço a Dora Tognolli, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), pelo convite para escrever este trabalho para a abertura de um número temático da revista *Ide*; e a Cassandra Pereira França, pelo convite para apresentá-lo e debetê-lo no II Encontro Latino-Americano do Projeto CAVAS (Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, no dia 10 de abril de 2015.

predileções teóricas em 36 anos como psicanalista. Haveria muitas pessoas a quem agradecer, de tal modo que uma lista feita com justiça não caberia nestas páginas. Sou grato particularmente aos companheiros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pela troca constante, bem como a colegas de outras instituições psicanalíticas e universitárias, não apenas de São Paulo, mas de Belém, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Campinas, Curitiba, Porto Alegre, Buenos Aires, Paris e Nova York. Peço que todos se sintam representados na pessoa de Decio Gurfinkel, amigo e parceiro de jornada com quem mantenho, desde o início da formação psicanalítica, uma colaboração fecunda e incessante.



Os ensaios deste livro reiteram a ousadia e a difícil, mas necessária, combinação entre rigor e liberdade de pensamento e o respeito às evidências clínicas, já presentes em outros escritos do autor. Parafraseando Laplanche, Ferraz é um daqueles psicanalistas que, sem ceder à banalização e às fórmulas fáceis, é capaz de “fazer prosear” a psicanálise. Com ele, sentimo-nos à vontade em meio à diversidade dos temas que evoca e nos diálogos que estabelece com autores das mais variadas origens, épocas e filiações institucionais.

– *Rubens M. Volich*

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. Flávio Ferraz

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2001-5



9 788521 220015



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Pensar o sujeito, agir no mundo

Ensaaios psicanalíticos II

Flávio Ferraz

ISBN: 9788521220015

Páginas: 144

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2024
